



Instituto Politécnico de Leiria,
CIID - Centro de investigação, Identidade(s) e Diversidade(s)
www.ciid.ipleiria.pt
Portugal

XI CONLAB - Congresso Luso Afro Brasileiro de Ciências Sociais

“PARTIR, CHEGAR E VOLTAR: BRASILEIROS EM PORTUGAL”

**7 a 10 de Agosto de 2011
Salvador, Brasil**

MARGARIDO, Cristóvão
cmargarido@ipleiria.pt

*Partir, Chegar, Voltar: Metamorfoses Identitárias de
Imigrantes*

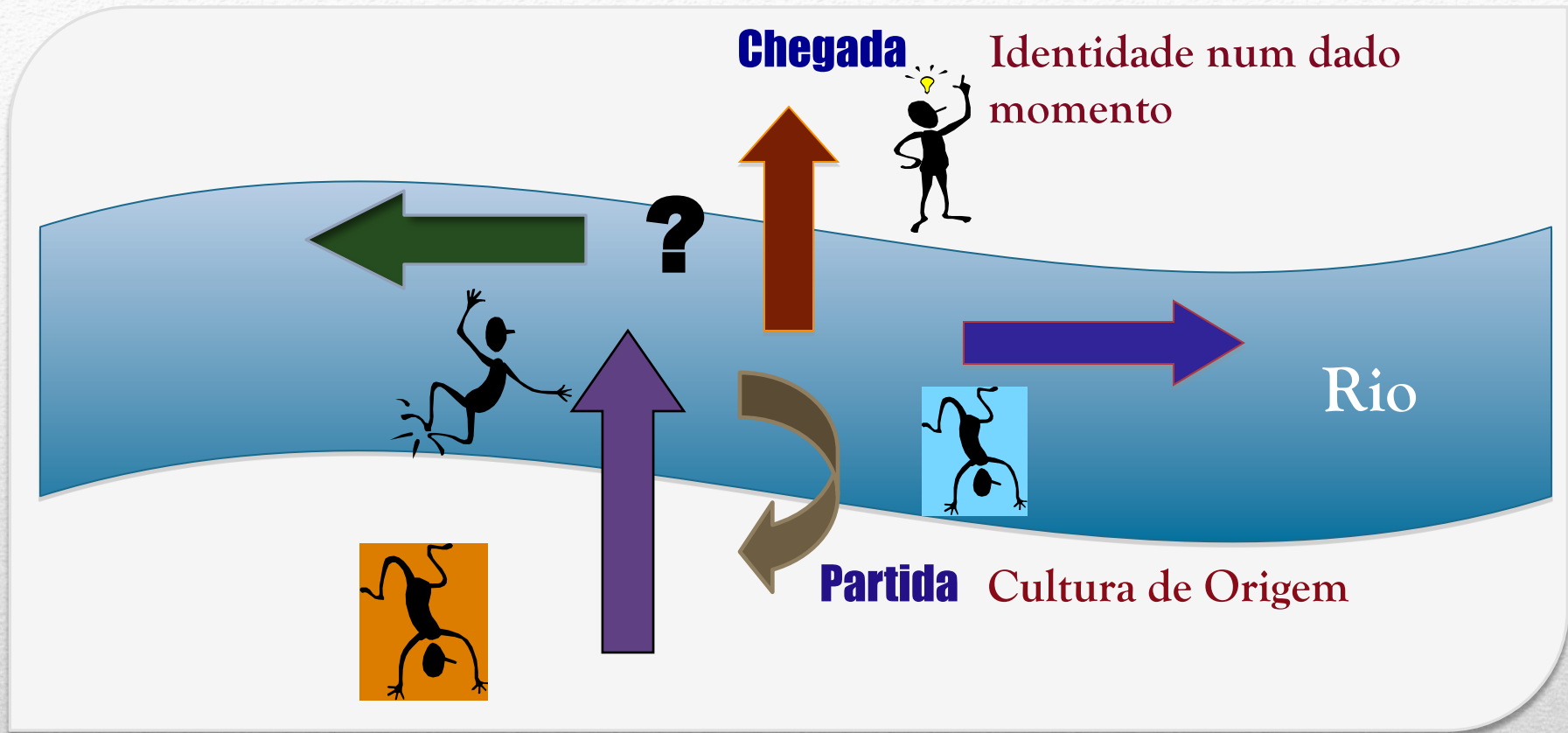
VIEIRA, Ricardo
rvieira@ipleiria.pt

Entrevistas etnobiográficas

Através de entrevistas filmadas, com vista à conclusão do **documentário** “**Partir, Chegar e Voltar**”, que mostra a identidade em trânsito de brasileiros que buscaram Portugal como projecto, incidimos, neste texto, sobre o caso de Márcio que se identifica hoje muito mais com Portugal do que com o Brasil do Rio de Janeiro donde partiu para realizar o curso de mestrado no Brasil.

Entendemos a identidade como uma construção complexa, que se funda na relação com o outro, e não um estado existencial e essencialista. Conforme refere Vieira (1999b: 58), “se a identidade implica alguma constância, não se trata no entanto duma repetição indefinida do mesmo, mas antes dialéctica, por integração do outro no eu, da mudança na continuidade”.

A Identidade como processo de reconstrução e mestiçagem



O imigrante entre margens culturais

O eu plural (LAHIRE, 2002) (re)inventa-se, a cada momento, numa multiplicidade de pertenças e espaços simbólicos, num processo contínuo de mestiçagem (LAPLANTINE; NOUSS, 2002; e VIEIRA, 2009): cada um é aquilo que é pelas relações que estabelece e pela forma original com que se apropria do outro, tornando-o seu, num balanço contínuo para que o projecto de vida faça sentido.

O eu plural

“A mestiçagem autoriza, portanto, a mudança e a transformação cultural, mas pela base, quer dizer através do processo de ordem individual, ainda que estes se repitam o bastante para darem a impressão de um processo de grupo [...]. A mestiçagem seria, por outras palavras, factor de subjectivação, na medida em que confere ao sujeito a faculdade de se construir e de se traduzir em actos” (WIEVIORKA, 2002, p. 92).

A Mestiçagem

Márcio

Márcio Lopes está em Portugal há 14 anos. É natural do Rio de Janeiro e é casado com uma brasileira da qual tem uma filha pequena. Depois da licenciatura em economia, emigrou para Portugal, país que foi a sua segunda escolha, para fazer um mestrado na universidade de Coimbra.

Ainda que mantendo os hábitos que o ligam ao Brasil, como a picanha ou a caipirinha, Márcio considera que ir ao país de origem tornou-se apenas uma obrigação. Admite, ainda, que os brasileiros consideram Portugal um país rural, mas que a adesão à União Europeia alterou em grande parte a opinião generalizada do povo brasileiro.

O oblato: “Eu não sinto saudades do Brasil”

Márcio

Vídeo caso 3

MARGARIDO, Cristóvão
cmargarido@ipleiria.pt

VIEIRA, Ricardo
rvieira@ipleiria.pt

Do ponto de vista social, Márcio considera que a nacionalidade é apenas uma das esferas da sua identidade: *“Eu acho que é o Márcio em várias esferas, mas também é o Márcio brasileiro”*. Neste sentido, a adjectivação do “brasileiro” compõe-se enquanto uma condição objectiva das várias esferas que habitam na(s) identidade(s) de Márcio. Apesar desta conotação, de cariz mais objectivo, as condições subjectivas também estão subjacentes. Do entendimento que retém, Márcio afirma *“[...] nunca vou deixar de ser brasileiro [...]”*. Todavia, não pretende que a sua origem seja encarada como apenas um facto, isolado de tudo o resto: *“[...] a minha identificação de brasileiro está associada à minha nascença, o facto de eu ter nascido no Brasil, não quer dizer que eu tenha o apelo da terra”*.

A fuga ou a invenção da terceira margem

Há, como vemos, uma certa crítica em relação ao que considera “o brasileiro genuíno”. Já não (ou, pelo menos, agora) se identifica com esse tipo de comportamento. Talvez por isso, ao contrário de muitos brasileiros ou imigrantes com origem brasileira, Márcio não tem laços sociais com brasileiros em Portugal: “Eu não tenho um único amigo brasileiro em Portugal”. Neste prisma, ao se identificar mais com a cultura de chegada e ao parecer renegar a cultura de origem, Márcio assume-se como um oblato (VIEIRA, 1999a e b; VIEIRA; TRINDADE, 2008; VIEIRA, 2009).

A crítica ao brasileiro genuíno

“Quando alguém diz mal de nós ou do nosso país, por mais que nós sejamos críticos em relação ao nosso país tendemos o afastamento porque existe uma mancha que fica e hoje em dia sinto-me tão incomodado se falarem mal do Brasil como de Portugal, ou seja, quando eu vou ao Brasil e algum brasileiro tece uma crítica negativa a Portugal, isto toca. Do mesmo modo que alguém em Portugal se fizer uma crítica negativa ao Brasil isto também me toca. Mas não invalida o facto de não me considerar português”.

A identificação com as duas margens

Para Márcio, o projecto de muitos dos imigrantes passa por emigrar, economizar e regressar ao país de origem:

“[...] esses brasileiros que aí estão só querem amealhar o dinheiro que conseguirem para depois voltarem. Por acaso até gostava de ouvir uma entrevista de um brasileiro dessa nova vaga de imigração, recém-chegado, o que ele pensa, o que é que ele quer...”.

Este acabou por não se o projecto pessoal de Márcio que acaba por se identificar, cada vez mais, com a cultura portuguesa, onde está bem enraizado, na cidade de Leira, não sentido, sequer, saudades do Brasil.

Diferentes modos de gerir as identificações pessoais

No caso que aqui apresentamos, a primeira margem cultural é o Brasil mas é na segunda, Portugal, que Márcio acaba por investir, identitariamente, a ponto de, explícita ou implicitamente, criticar a da cultura primordial, e idealizar a cultura de acolhimento, que assume hoje como sua, vestindo, modelarmente, e muitas vezes, o oblato como resultado-processo, em dado momento, da metamorfose identitária.

Nota conclusiva

O processo identitário é um caminho de aprendizagens constantes, de “geometria variável” (CUCHE, 1999), onde o projecto, sempre inacabado, nos pode centrar mais no partir para não voltar ou para voltar, ainda que reconstruídos, como um outro mais mestiço (LAPLANTINE; NOUSS, 2002) e compósito (MAALOUF, 2002). No caso aqui estudado, o self investigado e pensado identifica-se, cada vez mais, com a cultura de acolhimento, renegando a de origem, e tornando-se no que designamos de oblato.

Nota conclusiva
